A Pedra Brilhante

João de Ruysbroeck

João de Ruysbroeck

A Pedra Brilhante

Tradução: Souza Campos, E. L. de

VALDEMAR TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2023

Créditos

Título original: *L'anneau ou la pierre brillante*

Autor : Jan van Ruysbroeck

Tradutor: Souza Campos, E. L. de

Da tradução do flamengo feita pelos Beneditinos de Saint Paul de Wisques, Oosterhout, Holanda

© 2023 Valdemar Teodoro Editor : Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Toda cópia e divulgação são permitidas, desde que citada a fonte.

A pedra brilhante

João de Ruysbroeck

PRÓLOGO

Todo aquele que deseja viver no estado mais perfeito que existe na Santa Igreja deve se uma pessoa cheia de bom zelo, de espírito interior, contemplativo elevado e comumente devotado a todos[1].

Estas quatro qualidades reunidas dão, àquele que as possui, um estado perfeito de vida, capaz, no entanto, de crescer sempre e de se enriquecer com graças mais numerosas, em todas as virtudes e em conhecimento da verdade, perante Deus e perante todas as pessoas racionais.

CAPÍTULO 01

Três qualidades que tornam uma pessoa justa.

É preciso notar inicialmente as três qualidades que tornam uma pessoa justa.

---

[1] Estas são as quatro qualidades que foram desenvolvidas nos três livros de *A ornamentação das núpcias interiores*.

A primeira é uma consciência pura, sem remorsos por pecados mortais. Aquele então que quer ser bom deve examinar e considerar com cuidado sua vida desde o momento em que ele pôde pecar. Por todo este intervalo de tempo, ele fará penitência segundo o que ordena e regulamenta a Santa Igreja[2].

A segunda qualidade que é preciso ter é obedecer, em todas as coisas, a Deus, à Santa Igreja e à sua própria razão. Se a pessoa se submete assim, sem distinção, a esta tríplice autoridade, ela pode viver sem preocupação ou cuidado e permanecer sempre irrepreensível interiormente em todos os seus atos[3].

A terceira qualidade que pertence a toda pessoa justa é buscar principalmente a honra de Deus em todas as ações[4]. Se a preocupação ou o grande número de ações o impede de ter Deus sempre presente diante dos olhos, pelo menos você deve manter nele a intenção e o desejo de viver em conformidade com a caríssima vontade de Deus.

Vejam que estas três qualidades assim realizadas tornam uma pessoa justa e todo aquele em que falta uma

[2] Cf. *A ornamentação das núpcias espirituais*. Livro I, cap. 01.
[3] Cf. *A ornamentação das núpcias espirituais*. Livro I, cap. 12-24.
[4] Cf. *A ornamentação das núpcias espirituais*. Livro I, cap. 25.

delas não o é e não está em graça com Deus, mas, a partir do momento em que alguém resolveu em seu coração possuí-las, de mau que ele era antes, ele logo se torna bom, agradável a Deus e cheio de graça.

CAPÍTULO 02

Três qualidades que fazem uma pessoa interiorizada.

Em seguida, se essa pessoa justa quer se tornar interiorizada e espiritual, ela deve possuir mais três qualidades.

A primeira consiste em ter o coração desprovido de imagens. A segunda é uma liberdade espiritual nos desejos. A terceira é o sentimento de uma união íntima com Deus.

Aquele então que pensa ser espiritual, que ele examine a si mesmo. Todo aquele que quer ter o coração desprovido de imagens não pode possuir nada com amor, nem se apegar ou se ligar a ninguém por inclinação natural, pois todo apego e toda afeição que não tendem puramente para a honra de Deus perturbam o coração da pessoa e isto não vem de Deus, mas da carne. Assim, para

que a pessoa se torne espiritual, ela deve renunciar a toda satisfação e afeição carnais e só se apegar, por paixão e amor, a Deus, a fim de poder possuí-lo assim. Desta maneira, estão afastadas toda preocupação e afeição descontroladas pelas criaturas.

Logo então que se possui Deus por amor, fica-se interiormente livre de imagens, pois Deus é um espírito que ninguém pode, propriamente, imaginar. Sem dúvida que, em matéria de exercício, podem ser usadas coisas que impressionam a imaginação, como os sofrimentos de Nosso Senhor e tudo o que é capaz de estimular uma devoção maior. Mas, para possuir Deus, é preciso ir até um puro despojamento de imagens, ou seja, até Deus mesmo e este é o primeiro elemento e a base da vida espiritual[5].

A segunda qualidade, que é a liberdade interior, consiste em poder se elevar até Deus, sem imagens e nem entraves, por qualquer exercício interior, ou seja, pela ação de graças, o louvor, a adoração, as preces devotas e as afeições íntimas. Enfim, por tudo o que pode, com a ajuda da graça divina, fazer nascer em nós a afeição e o amor, bem como o zelo interior para com toda prática espiritual

[5] Cf. *A ornamentação das núpcias espirituais*. Livro II, cap. 01-04.

Através destes exercícios interiores se atinge a terceira qualidade, que consiste em se sentir unido espiritualmente a Deus.

Todo aquele que, de fato, ao se exercitar interiormente, encontra junto ao seu Deus um acesso livre e liberado de imagens e só busca a honra divina deve, necessariamente, desfrutar da bondade de Deus e sentir interiormente uma verdadeira união com ele.

Ora, nessa união é realizada plenamente a vida interior e espiritual, pois o desejo nela é sempre estimulado novamente e ele se volta para uma renovação de atos interiores e, mesmo agindo, o espírito se eleva a uma nova união. Assim se renovam incessantemente a ação e a união e é isto o que constitui a vida espiritual.

Vocês podem então constatar como a pessoa se torna justa graças às virtudes morais e à intenção correta e como ela pode se tornar espiritual por meio das virtudes interiores e da união a Deus e, sem estas qualidades, ela não pode ser nem justa e nem espiritual.

CAPÍTULO 03

Três qualidades que fazem um contemplativo.

É preciso ainda saber que, para se tornar um contemplador de Deus, essa pessoa espiritual deve reunir mais três qualidades.

Primeiramente, ela deve sentir que o fundamento da sua essência é sem fundo e ela deve, assim, possuí-lo[6].

Em segundo lugar, seu exercício deve ultrapassar todo modo.

Em terceiro lugar, sua morada deve ser fixada em um prazer divino.

Compreendam bem, vocês que desejam viver a vida do espírito, pois eu não me dirijo a nenhum outro. Quando a união com Deus, que a pessoa sente nela mesma, aparece ao seu espírito como insondável, ou seja, de uma profundidade, de uma altura, de um comprimento e de uma largura que ultrapassam toda medida, essa pessoa percebe ao mesmo tempo que, pelo amor, ela está mergulhada nessa profundeza, elevada até essa altura, perdida

[6] No livro II, de *A ornamentação das núpcias espirituais*, Ruysbroeck falou da primeira e sublime unidade que possuímos em Deus e que é o fundamento da nossa essência: *Possuímos essa unidade em nós mesmos e, no entanto, acima de nós mesmos, como o princípio e o suporte do nosso ser e da nossa vida.*

nesse comprimento, errando nessa largura, habitando, enfim, Naquele que ela conhece e que, no entanto, ultrapassa todo conhecimento. Além disto, ela se vê como engolida na unidade, pelo sentimento íntimo de sua união e como que mergulhada no ver vivo de Deus pela morte para todas as coisas e lá ela sente uma mesma vida com Deus e este é o fundamento e a primeira qualidade de uma vida contemplativa.

A segunda decorre desta e consiste em um exercício que se faz acima da razão e sem modo. A unidade de Deus, de fato, que todo espírito contemplativo possui através do amor, exerce eternamente sobre as Pessoas divinas e sobre todos os espíritos amorosos uma atração e um apelo a reentrar nela mesma.

Ora, essa atração é sentida mais ou menos por todo aquele que ama, segundo a medida do seu amor e segundo o modo do exercício praticado. A partir do momento em que toma consciência dela e se permanece fixado nela, não se pode cair em pecado mortal.

Mas o contemplativo que renunciou a ele mesmo, assim como a todas as coisas e que não é mais distraído por nada, porque, liberado de tudo, ele não se apega pelo que quer que seja, o contemplativo pode sempre, puro de

toda imagem, penetrar no mais íntimo do seu espírito. Lá, lhe é revelada uma luz eterna, na qual ele percebe a eterna exigência da unidade divina, se sentindo como um braseiro sempre ardente de amor, ávido acima de tudo pela unidade com Deus.

Quanto mais ele toma consciência dessa atração e dessa exigência, mais ele as sente e mais seu sentimento é forte, mais ele arde para estar com Deus, pois ele deseja enormemente pagar a dívida que Deus lhe cobra.

A exigência contínua da unidade divina acende no espírito uma eterna fogueira de amor, mas, desde que este espírito pague sem interrupção sua dívida, ela atiça nele um abrasamento eterno, pois, sob a ação superior da unidade, todos os espíritos desfalecem em sua atividade e eles não sentem nada além do que o abrasamento na unidade simples de Deus.

Ora, ninguém pode experimentar e nem possuir essa unidade simples de Deus e não se fixar diante da claridade sem medida e no amor que ultrapassa a razão e todo modo. Diante da claridade, o espírito sente nele mesmo um fogo eterno de amor e não encontra nesse abrasamento nem um fim e nem um começo. Ele se vê um com esse abrasamento de amor.

O espírito permanece sempre ardente, pois seu amor é eterno. Incessantemente, ele experimenta nele mesmo a ardência amorosa, porque ele é arrastado pela ação superior da unidade divina, lá onde o espírito arde de amor.

Se ele considera, ele vê bem que há, entre ele e Deus, distinção e dualidade, mas, lá onde ele é consumido, ele é simples e não encontra mais distinção, não vendo outra coisa que não seja unidade, pois as chamas imensas do amor divino consomem e devoram tudo o que elas podem engolir.

Daí se poder constatar, em terceiro lugar, que essa unidade divina, ao exercer sua atração poderosa, não é outra coisa além do amor sem fundo que convida amorosamente, ao prazer eterno, o Pai e o Filho e tudo o que vive neles. É nesse amor que queremos arder e nos consumir infinitamente, pela eternidade, pois lá está a beatitude de todos os espíritos.

É por isto que devemos estabelecer toda nossa vida em um abismo sem fundo, para podermos eternamente nos mergulharmos no amor e nos imergir na profundeza insondável e, com o mesmo amor, nos elevarmos e supraelevarmos nós mesmos até a altura incompreensível.

Nós nos desgarraremos no amor sem modo e nos perderemos na largura sem medida da divina claridade. Lá haverá o escoamento e a imersão nas delícias desconhecidas da bondade e da riqueza de Deus. Seremos fundidos e liquefeitos, engolidos e imergidos eternamente na glória.

Com todas estas comparações, eu quero mostrar ao contemplativo o que ele é e o que ele pratica, mas nenhum outro poderia compreender, pois ninguém pode ensinar, àqueles que a ignoram, a vida contemplativa. Assim que se revela, pelo contrário, ao espírito, a eterna verdade, aprende-se a conhecer tudo que é útil.

CAPÍTULO 04

A pequena pedra brilhante e o nome novo mencionado no livro dos mistérios de Deus[7].

O que acabamos de dizer nos faz compreender porque no Livro dos Mistérios de Deus, escrito por São João Evangelista, o Espírito do Senhor diz o seguinte: "*Ao vencedor* __ ou seja, aquele que conseguir se superar e ul-

[7] O autor se refere aqui ao Livro do Apocalipse.

trapassar a si mesmo em todas as coisas __ *darei o maná escondido e lhe entregarei uma pedra branca brilhante, na qual está escrito um nome novo que ninguém conhece, senão aquele que o receber*[8] *”*.

A pedrinha é chamada de *calculus*, por causa da sua pequenez e porque se pode calcá-la com os pés sem sentir nenhum mal. Ela é de um brilho intenso, vermelho como uma chama ardente, pequena e redonda, toda plana e muito leve.

Com essa pedrinha brilhante podemos ouvir Nosso Senhor Jesus Cristo, pois, em sua divindade, ele é a claridade da luz eterna, o esplendor da glória divina e um espelho sem mácula onde todas as coisas vivem.

Aquele então que consegue vencer tudo e superar tudo recebe essa pedra brilhante e, com ela, a claridade, a verdade e a vida. Tal como uma chama ardente, a pedrinha representa o amor ardente do Verbo Eterno, que encheu com seus feixes toda a terra e quer abrasar com ela todos os espíritos amorosos até consumi-los.

Ela é tão pequena que mal se sente quando é calcada com os pés. Daí vem ser chamada de *calculus* ou pedri-

[8] Apocalipse 2: 17. A pedra preciosa incrustada no anel trazia muitas vezes, antigamente, um nome ou um sinal qualquer e o anel podia assim ser usado como um selo.

nha[9] e São Paulo nos dá o sentido desta particularidade, quando ele diz que o Filho de Deus *aniquilou a si mesmo, assumindo a condição de servo e se fez ainda mais humilde, se tornando obediente até a morte e morte de cruz*[10].

Pela boca do Profeta, o Senhor também disse: *Eu sou um verme, não sou humano, o opróbrio de todos e a abjeção da plebe*[11].

Ele se fez tão pequeno no tempo que os judeus o calcaram com os pés e eles não deram importância a isto, pois, se tivessem reconhecido o Filho de Deus, eles não teriam ousado crucificá-lo. Mesmo agora, ele permanece tão pequeno e desprezado por todos os corações onde não há amor.

A pedra de que falo é inteiramente redonda e igualmente plana de todos os lados. Ora, essa redondeza nos ensina que a verdade divina não tem começo e nem fim, enquanto que a igualdade toda plana indica que o Senhor usará um peso igual para todos, retribuindo a cada um

---

[9] *Calculus* é derivado de *calcare*, calcar com os pés. A palavra flamenga *terdelinc*, do verbo *terden*, hoje em dia, *treden*, é uma tradução literal de *calculus*.
[10] Filipenses 2: 7 e 8.
[11] Salmo 21: 7.

segundo seus méritos, mas se dando a todos pela eternidade.

Por fim, a última propriedade dessa pedra é ser muito leve. O Verbo Eterno do Pai é, de fato, sem peso e, no entanto, com seu poder, ele sustenta o céu e a terra. Igualmente próximo de todas as coisas, ele não pode, no entanto, ser alcançado por ninguém, de tanto que ele ultrapassa e supera todas as criaturas, se revelando a quem ele quer e onde ele quer. Mesmo permanecendo leve, ele fez subir, acima de todos os céus, nossa humanidade pesada, para fazê-la se sentar coroada à direita do seu Pai.

Observem que esta é a pedra brilhante que é dada ao contemplativo. Ela traz um nome novo que ninguém conhece, a não ser aquele que a recebe.

Vocês sabem, de fato, que todos os espíritos, quando se voltam para Deus, recebem um nome e cada um recebe o seu, segundo a perfeição do seu serviço e a altura do seu amor.

Somente o primeiro nome que recebemos no batismo e que é inocente tira toda sua beleza dos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Se nos acontece de, pelo pecado, perdermos este nome de inocência, desde que estejamos dispostos a obedecer novamente a Deus, especial-

mente em três obras que ele quer realizar em nós, o Espírito Santo nos confere outro batismo e então recebemos um novo nome, que mantemos eternamente.

CAPÍTULO 05

As obras que Deus realiza comumente em todos os justos e as cinco categorias de pecadores.

Notem agora as obras liberais realizadas por Deus em todos aqueles que querem se prontificar a isto.

Primeiramente é um chamado, um convite que ele dirige a todos, comumente, para se unir a ele. Ora, enquanto o pecador permanece surdo a este chamado, ele é, necessariamente, privado dos outros dons divinos que deveriam segui-lo.

Sobre isto, eu observo que todos os pecadores se dividem em cinco categorias. Há, primeiramente, todos aqueles que negligenciam as boas obras, vivem segundo os apetites da carne e o prazer dos sentidos, nos entraves das coisas do mundo e com o coração carregado com mil cuidados. Eles são incapazes de receber a graça divina ou de conservá-la se a receberem.

Em seguida vêm aqueles que, voluntária e cientemente caíram no pecado mortal e, apesar disto, ainda fazem boas obras, têm sempre temor e reverência por Deus e cumulam os bons com afetos e se recomendam com confiança às suas preces. No entanto, eles fazem tudo isto em vão se, por apego ao pecado, eles permanecem longe de Deus, invés de retornarem a ele através do amor, permanecendo sempre indignos das graças divinas.

Em terceiro lugar, há todos os crentes ou aqueles que erram na fé. Com algumas boas obras que eles realizam ou algumas práticas que eles seguem, eles não podem agradar a Deus sem a verdadeira fé que é o fundamento de toda santidade e de toda virtude.

A quarta categoria compreende aqueles que, sem medo e sem vergonha, vivem em pecado mortal, não se preocupando com Deus e nem com seus dons e não dando valor a nenhuma virtude. Toda vida espiritual lhes parece hipocrisia ou mentira e tudo o que se pode dizer de Deus ou das virtudes lhes é um fardo, pois estão convencidos de que nem Deus, nem o céu e nem o inferno existem. Assim, eles não querem pensar em nada além do que eles sentem presentemente e o que eles veem diante de seus olhos.

Deus rejeita e despreza essa gente, pois eles pecam contra o Espírito Santo. Eles podem ainda se converter, mas isto é coisa rara e difícil.

A quinta categoria de pecadores são aqueles que cumprem exteriormente as boas obras, mas não pela honra de Deus, nem com vistas às suas próprias salvações, mas para terem uma fama de santidade ou algum fútil benefício. Eles podem parecer bons e santos exteriormente, mas, na realidade, eles são falsos, afastados de Deus e privados de graças e de virtudes.

Todos aqueles que eu enumerei estão convidados à união divina, mas, enquanto permanecem escravos do pecado, eles são surdos e cegos, incapazes de desfrutar ou de sentir todo o bem que Deus quer realizar neles.

Quando, porém, o pecador, ao retornar a ele mesmo e ao tomar consciência do seu estado, desenvolve um ódio ao pecado, ele se reaproxima de Deus. Mas, para obedecer ao seu chamado e à sua palavra, ele deve se decidir de bom grado deixar o pecado e fazer penitência. Assim, de acordo com Deus e submisso à sua vontade, ele recebe novamente suas graças.

Isto nos permite compreender, primeiramente, como Deus, por um efeito de sua bondade, chama e convida

a se unir a ele todas as pessoas, sem fazer distinção, sejam boas ou más, sem excluir ninguém. Depois, podemos constatar que essa mesma bondade divina derrama suas graças sobre todos aqueles que obedecem ao seu apelo. Por fim, nos é dado experimentar e compreender claramente que podemos ter uma só vida e um só espírito com Deus, se renunciarmos a todas as coisas, para seguirmos a graça divina pela altura que ela quiser nos levar, pois Deus ordena sua graça segundo a medida e o modo da capacidade de cada um.

Desta forma então, todo pecador recebe, se ele quiser, através da ação comum da graça divina, sabedoria e força para abandonar o pecado e se voltar para a virtude. É assim, pela cooperação oculta das graças de Deus, que toda pessoa justa pode vencer o pecado, resistir a todas as tentações, praticar a virtude e alcançar a mais alta perfeição, desde que, em todas as coisas, ela se mostre fiel à graça, pois tudo o que somos e tudo o que recebemos, no exterior e no interior, vem da liberalidade divina e nos é dado para nos permitir oferecer a Deus louvores e ações de graças e servi-lo para lhe ser agradável.

Mas, há muitos dons divinos que, para os bons, são um socorro e um encorajamento à virtude e que, pelo

contrário, para os maus, servem e oferecem oportunidade para o mal. Assim são a saúde, a beleza, a sabedoria, a riqueza e a glória mundanas, que constituem, aliás, o que há de mais humilde e de menos nobre entre os dons divinos e que Deus propicia para a utilidade comum de todos, amigos ou inimigos, bons e maus.

Ora, enquanto uns consagram estes bens ao serviço de Deus e daqueles que ele ama, outros se servem deles para sua própria carne, para o demônio e para o mundo.

CAPÍTULO 06

A distinção entre os mercenários e os servidores fiéis de Deus.

Pode-se observar ainda que algumas pessoas recebem os dons de Deus como mercenários e outras, como fiéis servidores e há entre eles uma oposição singular no que diz respeito às suas obras íntimas, ao amor, à intenção, aos sentimentos e a todos as práticas da vida interior.

Todos aqueles, de fato, que têm por eles mesmos um apego tão pouco controlado que só querem servir a Deus com um ganho próprio ou por uma recompensa se separam de Deus e acorrentam a eles mesmos em seus pró-

prios espíritos, ao só terem em suas ações uma busca e uma preocupação pessoais. Em todas as suas preces e boas ações, eles pensam em interesses temporais ou, se têm uma preocupação com as coisas da eternidade, é somente para sua satisfação ou seu bem próprio.

Tais pessoas estão ligadas a elas mesmas de uma maneira descontrolada e assim permanecem sempre em uma solidão egoísta, porque lhes falta a verdadeira dileção que as uniria a Deus e a todos os seus amigos. Elas parecem guardar a Lei e os preceitos, tanto de Deus quanto da Santa Igreja, mas negligenciam a lei do amor, pois tudo o que fazem lhes é inspirado pela necessidade e não pela caridade e só tem por objetivo fazê-los evitar a condenação.

Sem fidelidade íntima por Deus, eles não ousam se confiar a ele e toda a vida interior deles não passa de medo e de perplexidade, labor e miséria.

De um lado, eles veem a vida eterna que eles temem perder, mas, de outro, as penas do inferno que eles temem merecer. Todas as preces deles, todo o trabalho, todas as boas obras que eles tentam para afastar este duplo temor não lhes servem de nada, pois o medo que eles têm do inferno está em proporção com o apego desorde-

nado deles por eles mesmos, o que prova bem que, neles, o medo do castigo nasce do amor-próprio deles.

É verdade que, segundo o Profeta e o Sábio, *o temor ao Senhor é o início da sabedoria*[12], mas aqui se trata do temor comum de perder a beatitude eterna, que nasce em toda pessoa com um pendor natural para a felicidade, ou seja, para a visão divina.

Assim, mesmo desprovida da fidelidade para com Deus, a pessoa, se ela se examina interiormente, se sente atraída para fora dela mesma, para a beatitude que é Deus e se ela teme perdê-la, é porque se ama mais do que a Deus e que ela cobiça, para um proveito pessoal, uma felicidade que a atrai. Assim, ela não ousa se confiar a Deus.

Todavia, isto é chamado de *temor ao Senhor* e *início da sabedoria* e os servidores que só têm fidelidade para com Deus a consideram uma lei. Ela força, ao menos, a deixar o pecado, a desejar a virtude e a realizar boas ações, o que dispõe exteriormente a receber a graça de Deus e a se tornar um servidor fiel.

Mas, na mesma hora em que, com a ajuda de Deus, essa pessoa chega a vencer em si mesma todo espírito

[12] Salmo 110: 10 e Eclesiástico 1: 16.

próprio e a se libertar tão completamente, que ela ousa se confiar a Deus em todas as coisas, a complacência divina lhe é concedida e, com ela, a graça do verdadeiro amor. A partir de então, estão banidos a perplexidade e o temor, a pessoa confia e espera e se torna assim uma servidora fiel, amando Deus e o buscando em todas as coisas.

Vimos então o que distingue os servidores fiéis daqueles que não o são.

CAPÍTULO 07

A distinção entre os fiéis servidores de Deus e seus amigos secretos.

Existe ainda uma profunda distinção entre os fiéis servidores de Deus e seus amigos secretos, pois os primeiros, ajudados pela graça e o socorro divino, observam de bom grado os mandamentos e praticam a obediência para com Deus e a Santa Igreja, dedicando-se a todas as virtudes e às boas obras e é isto é o que se chama de uma vida exterior ou ativa.

Mas os amigos secretos de Deus acrescentam ainda, à observância dos seus preceitos, a docilidade a seus conselhos mais íntimos. Eles aderem a ele profundamente,

por amor, para sua honra eterna e renunciam de bom grado a tudo o que poderiam possuir fora de Deus, com prazer ou deleite.

Tais amigos, Deus os chama e os convida interiormente e os ensina a diversidade dos exercícios interiores e os numerosos modos ocultos da vida espiritual.

Quanto aos seus servidores, ele os envia para fora, para cumprirem fielmente o ministério deles para com ele e os seus, em todo tipo de bons ofícios.

Vejam que Deus dá, assim, seu socorro e sua graça a cada um, segundo sua capacidade e seu grau de união com ele através das boas ações exteriores ou os exercícios íntimos do amor. Mas ninguém pode praticar esses exercícios íntimos e nem experimentá-los se não estiver inteiramente recolhido em Deus, pois, enquanto seu coração estiver dividido, a pessoa olha para fora, ela tem o espírito instável e é facilmente tocada pelo que há de agradável ou de penoso nas coisas do tempo, porque ainda está vivendo nele. Mesmo que fiel aos preceitos divinos, ela permanece sempre interiormente privada da luz e ignorante dos exercícios íntimos e de sua prática. A partir do momento em que ela tem a consciência de buscar Deus e de querer conformar sua conduta à caríssima vontade

divina, ela fica satisfeita, sentindo que sua intenção é correta e fiel ao seu serviço.

Estas duas qualidades lhe parecem bastar e ela se convence de que as boas ações exteriores, realizadas com intenção correta são mais santas e mais úteis do que qualquer exercício interior. O socorro de Deus a guiou em sua escolha de vida e ela se dedica mais em realizar com precisão suas ações exteriores do que em amar intimamente Aquele para quem ela age. Daí, uma preocupação maior com as práticas do que com Deus, que é o fim delas e esta preocupação que mantém a pessoa no exterior a impede de satisfazer ao conselho divino, porque seu exercício é mais exterior do que interior, mais sensorial do que espiritual.

Ela bem que pode ser, com suas ações, uma servidora de Deus, mas ignora totalmente o que conhecem os amigos secretos. Daí vem que, muitas vezes, pessoas inexperientes e totalmente exteriores julgam e condenam aqueles que levam uma vida interior, censurando-os por permanecerem ociosos.

Marta também se queixou ao Nosso Senhor porque sua irmã Maria não ajudava a servir, pois ela pensava estar praticando uma ação importante e de alta utilidade,

enquanto sua irmã permanecia sentada em uma vã ociosidade.

Mas Nosso Senhor julgou as duas e, repreendendo Marta, não por causa de suas ações, que eram boas e úteis, mas por causa da preocupação que ela tinha com elas, se deixando distrair e perturbar, com suas múltiplas ocupações exteriores, ele louvou Maria pelo zelo interior que ela demonstrava, pois, *uma só coisa é necessária* e *Maria escolheu a parte boa, que não lhe será tirada*[13].

Esta *uma só coisa necessária* a todos é o amor divino e a *parte boa* é a vida interior, que faz aderir amorosamente a Deus. Maria Madalena a havia escolhido e é isto também que fazem os amigos secretos de Deus.

Marta, pelo contrário, se dedicava a uma vida exterior, sincera, ativa e tinha tomado assim a outra parte do serviço a Deus, que é menos perfeito e menos bom e esta é a parte que escolhem também os servidores fiéis, por amor ao Senhor.

São encontradas pessoas que, sob o pretexto de vida interior e despojamento, recusam toda ação e todo serviço para a utilidade do próximo. Estas não são, evidentemente, nem amigas secretas e nem servidoras fiéis de

[13] Lucas 10: 38-42.

Deus, mas, invés disto, pessoas falsas e no erro, pois ninguém pode seguir os conselhos divinos se não quiser observar os mandamentos.

Em resumo, todos os amigos secretos de Deus são sempre fiéis servidores, quando isto é útil, mas nem todos os fiéis servidores são todos amigos secretos, porque o modo de vida destes últimos lhes é desconhecido.

Esta então é a distinção entre os amigos secretos e os fiéis servidores de Nosso Senhor.

CAPÍTULO 08

A distinção entre os amigos secretos e os filhos ocultos de Deus.

Uma distinção mais íntima e mais profunda existe ainda entre os amigos secretos de Deus e seus filhos ocultos, embora ambos tenham igualmente a alma elevada para Deus, através de seus exercícios interiores.

Mas os amigos guardam, em seu retorno íntimo, certo espírito próprio, pois eles buscam a adesão do amor a Deus, como a coisa mais perfeita e a mais elevada que eles podem ou desejam atingir.

Assim, eles são incapazes de se superarem e se erguerem acima de suas ações para alcançarem uma nudez sem imagens, pois a preocupação deles e suas próprias ações os distraem e os entravam e ainda que eles experimentem, na adesão amorosa deles, a união com Deus, eles sempre encontram, no entanto, nessa união, a diferença e a dualidade que os separam dele.

A passagem simples à nudez e à ausência de modos lhes permanece ignorada e sem atrativo, de sorte que a vida interior mais elevada guarda sempre neles o entrave das razões e dos modos. Se eles possuem uma compreensão clara e distinta de todas as virtudes que se praticam com a razão, eles não podem conhecer o olhar simples da elevada memória, que está aberta à iluminação divina e mesmo que eles se sintam elevados para Deus por uma poderosa chama de amor, eles conservam a posse deles mesmos e não são consumidos e nem aniquilados na unidade amorosa.

A vontade de sempre viver a serviço de Deus e de lhe agradar não chega a fazê-los imolar neles mesmos todo espírito próprio e levar uma vida que lhe seja totalmente conforme. Mesmo que eles tenham pouca estima por todo repouso ou satisfação que vem de fora, eles dão

muito valor aos dons divinos, bem com a seus atos interiores, às consolações e às doçuras que eles sentem no íntimo.

Isto é repousar no caminho e renunciar à morte absoluta que faz obter a mais elevada vitória no amor nu e sem modos.

Assim, embora capazes de praticar e reconhecer distintamente tudo o que faz aderir amorosamente a Deus e seguir os caminhos ascendentes e ocultos que levam à sua presença, eles sempre ignoram a morte sem modos e o afastamento fecundo em riquezas no amor supraessencial, onde não há fim, nem começo, nem modo e nem maneira.

É então uma distinção profunda que existe entre os amigos secretos e os filhos ocultos de Deus, pois os amigos só sentem neles mesmos uma ascensão viva do amor, com os modos que a caracterizam, enquanto que os filhos conhecem, além disto, a morte em uma passagem simples, em uma ausência de todos os modos.

A vida interior dos amigos de Nosso Senhor é um exercício de amor que os faz subir até Deus e eles querem se apegar a isto incessantemente, como a um bem pró-

prio, mas eles não sabem como, acima de todos os exercícios, se possui Deus com um amor nu, sem mais agir.

Animados por uma fé sincera, eles se elevam mesmo incessantemente para Deus. Uma firme esperança os mantém na espera de Deus e da salvação eterna. Uma perfeita caridade, enfim, os liga a ele como que por uma âncora sólida.

Assim, eles estão em um bom caminho, são agradáveis a Deus e recebem dele suas complacências. Contudo, não há a certeza da vida eterna, porque nem toda personalidade e nem todo espírito próprio foi plenamente imolado em Deus.

Mas, se com perseverança se permanece fiel aos exercícios e ao retorno para o Deus de que se fez a escolha, isto é prova de que é um eleito de Deus desde a eternidade e que se tem o próprio nome, com suas obras, escritos no Livro da Vida da Providência Divina.

Se, pelo contrário, se prefere outra coisa, se afasta de Deus o rosto interior, para cometer o pecado que ele detesta e nele permanecer, tem-se o nome escrito na oniciência divina e, pela falta de perseverança, se é apagado e cortado do Livro da Vida, sem poder jamais desfrutar de Deus e nem de nenhum fruto da virtude.

Devemos todos então vigiar cuidadosamente a nós mesmos e colocarmos em nosso retorno para Deus a ornamentação de um amor íntimo e das boas obras exteriores, de maneira a podermos esperar, com confiança e alegria, o julgamento de Deus e a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Mas, se soubermos renunciar a nós mesmos e deixarmos, em nossas ações, todo espírito próprio, ultrapassaremos todas as coisas com um espírito plenamente libertado de imagens e, nessa nudez, estaremos sob a ação imediata do Espírito divino, com a segurança de sermos realmente os filhos de Deus, segundo o que disse o apóstolo São Paulo: *Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus*[14].

Todos os bons cristãos, é verdade, são filhos de Deus, pois são nascidos do Espírito Santo, que vive neles. Por ele, eles são guiados e movidos interiormente, cada um em particular, segundo sua própria aptidão para as virtudes e as boas obras, pelas quais se agrada a Deus.

Mas é porque seu retorno para Deus e seus exercícios diferem que eu chamo uns de fiéis servidores de Deus; outros, de seus amigos secretos e outros, por fim,

[14] Romanos 8: 14.

de seus filhos ocultos, ainda que todos sejam servidores, amigos e filhos, servindo, amando e buscando todos um mesmo Deus, vivendo e agindo todos sob a ação graciosa do Espírito Santo.

Deus, aliás, permite e concede, aos seus amigos, tudo o que não se opõe aos seus preceitos e, por preceitos, queremos nos referir aos próprios conselhos para aqueles que os abraçaram.

Ninguém é então mais desobediente a Deus ou está em oposição com ele do que aqueles que transgridem seus mandamentos, pois tudo o que é prescrito ou proibido por Deus nas Escrituras, nos ensinamentos da Igreja ou no julgamento da consciência, deve ser cumprido ou omitido, sob pena de desobediência e de perda da graça divina.

Mas se nos acontece de cairmos em faltas veniais, Deus tolera e nossa razão nos desculpa, porque não podemos evitar isto completamente. Assim, tais faltas nos colocam em estado de desobediência, pois elas não nos fazem perder a graça de Deus e nem a paz interior.

Porém, devemos sempre deplorá-las, por menores que sejam e fazermos todos os nossos esforços para evitá-las.

Eu lhes expliquei então o que eu disse desde o início, ou seja, que toda pessoa deve, com total necessidade, obedecer a Deus em todas as coisas, bem como à Santa Igreja e à sua própria razão, pois não quero que se entenda mal o sentido de minhas palavras e agora eu deixo as coisas tais como eu as disse.

CAPÍTULO 09

Como podemos nos tornar filhos de Deus e possuir uma vida contemplativa.

Mas, como podemos nos tornar os filhos ocultos de Deus e possuirmos uma vida contemplativa? Desejando vivamente saber isto, eu observei de perto e aqui está o que penso sobre isto.

Precisamos, como disse acima, viver e velar sempre, praticando todas as virtudes e, acima de todas as virtudes, morrer e dormir em Deus, pois devemos primeiro morrer para o pecado, para nascer para Deus, para uma vida virtuosa. Depois, renunciarmos a nós mesmos e morrermos em Deus, para uma vida eterna.

É assim então como se ordenam as coisas. Se somos nascidos do Espírito de Deus, somos filhos da graça e to-

da nossa vida se ornamenta com virtudes. Desta maneira, se obtém o triunfo sobre tudo o que é contrário a Deus, pois *todo aquele que nasceu de Deus vence o mundo*[15], diz São João e, nesse nascimento, todas as pessoas realmente boas são filhas de Deus. O Espírito divino as inflama e as impulsiona, cada uma em particular, para a prática das virtudes e das boas obras, segundo suas disposições e suas aptidões.

Assim, eles são todos agradáveis a Deus, de uma maneira distinta e que depende do grau de amor e da perfeição dos exercícios. Mas, eles não se sentem fortalecidos, nem de posse de Deus, nem seguros da vida eterna, capazes que são ainda de se afastarem de Deus e de caírem no pecado. É por isto que os chamo mais de servidores ou amigos do que de filhos.

Mas, quando nos elevamos acima de nós mesmos e quando, em nossa ascensão para Deus, nos tornamos bem simples, para que o amor não possa nos prender, na altura em que ele se move, acima de todas as práticas das virtudes, ou seja, na própria fonte onde nascemos espiritualmente, então, isto é uma completa transformação e

[15] 1 João 5: 4.

morremos para nós mesmos, bem como para todo espírito próprio, para vivermos em Deus.

Essa morte nos faz nos tornarmos filhos ocultos de Deus e encontrarmos em nós uma vida nova, uma vida eterna. É desses filhos que São Paulo diz: *Estais mortos e a vossa vida está oculta com Cristo em Deus*[16].

Compreendam bem o caminho de tudo isto. Ao irmos para Deus, devemos nos apresentar com todas as nossas obras diante de nós, como uma oferenda contínua. Mas, uma vez na presença dele, precisamos nos abandonar, assim como toda nossa obra e, morrendo no amor, ultrapassar tudo o que é criado, para alcançarmos as riquezas supraessenciais de Deus. Então, poderemos possuí-lo em uma morte perpétua de nós mesmos e é por isto que o Espírito de Deus diz no Livro do Apocalipse: *Felizes os mortos que morrem no Senhor*[17].

Eles são chamados com justiça de mortos bem-aventurados, pois, eternamente eles permanecem nessa morte deles mesmos, imersos na unidade de Deus que lhes dá prazer. Incessantemente eles morrem novamente

[16] Colossenses 3: 3.
[17] Apocalipse 14: 13.

no amor, sob a informação superior e atrativa dessa mesma unidade.

O Espírito de Deus diz também: *Descansem dos seus trabalhos, pois as suas obras os seguem*[18].

Se, de fato, segundo o modo em que nascemos de Deus para uma vida espiritual e virtuosa, devemos carregar nossas obras diante de nós, para oferecê-las, quando ultrapassamos todos os modos para irmos novamente morrer em Deus e passarmos para uma vida eternamente bem-aventurada, nossas obras nos seguem, pois elas são uma mesma vida conosco.

Em nossa caminhada para Deus, através da prática das virtudes, Deus habita em nós, mas, na morte para nós mesmos e para todas as coisas, somos nós que habitamos nele.

Se temos a fé, a esperança e a caridade, somos nós que recebemos Deus e é ele que permanece em nós com sua graça, nos enviando ao exterior, como servidores fiéis, para observarmos seus mandamentos.

Depois, ele nos chama de volta para o interior, como seus amigos secretos, se seguimos seus conselhos e, com

[18] *Idem, ibidem.*

isto, ele nos mostra claramente que somos seus filhos, desde que vivamos em oposição com o mundo.

Mas, acima de tudo, se queremos desfrutar de Deus ou fazermos em nós a experiência da vida eterna, devemos, ultrapassando a razão, entrar em Deus com nossa fé. Depois, permanecer lá simples, despojados, livres de imagens e, através do amor, elevados até à nudez plenamente aberta da nossa alta memória, pois, quando ultrapassamos todas as coisas no amor e morremos para toda consideração, vamos até o não saber e à obscuridade e lá suportamos a ação e a informação superior do Verbo Eterno, imagem do Pai.

Em nosso espírito livre de atividade recebemos a claridade incompreensível que nos envolve e nos penetra da mesma maneira que o ar é todo banhado pela luz do sol e essa claridade não é outra coisa além de olhar e contemplar sem limite.

O que somos, penetramos com o olhar e o que penetramos assim, nós somos, pois nosso espírito, nossa vida, nosso ser, tudo isto é elevado de uma maneira simples e unido à verdade que é Deus. Assim, nesse olhar simples, somos com Deus uma só vida e um só espírito e isto é o que eu chamo de uma vida contemplativa.

Quando, através do amor, aderimos a Deus, exercemos a melhor parte, mas, quando passamos à contemplação supraessencial, possuímos Deus inteiramente.

A essa contemplação se junta sempre um exercício sem modo, ou seja, uma vida que se aniquila, pois, quando saímos de nós mesmos para passarmos à obscuridade e a uma ausência de modos sem fundo, o raio simples da claridade divina brilha sempre como um apoio estável e ele nos arrasta para fora de nós mesmos até à supraessência e à absorção do amor.

A consequência disto é sempre um exercício amoroso que não conhece modo, pois o amor não pode permanecer ocioso, mas ele quer penetrar, através do conhecimento e a experiência, a insondável riqueza que vive no fundo dele mesmo e isto é uma fome insaciável.

Sempre tender para o insaciável é nadar contra a corrente. Não se pode abandoná-lo, nem se apoderar dele, nem passar por ele, nem obtê-lo, nem se calar sobre ele e nem falar sobre ele, pois isto ultrapassa toda razão e compreensão, já que está acima de toda criatura.

Assim, não se pode alcançá-lo e nem apreendê-lo, mas, ao olharmos o mais íntimo de nós mesmos, percebemos que é o Espírito de Deus que nos impulsiona e nos

inflama com essa impaciência de amor e, ao olharmos acima de nós mesmos, vemos que o mesmo Espírito divino nos arrasta para fora de nós mesmos e nos consome em seu próprio ser, ou seja, no amor supraessencial, com o qual formamos um só e que possuímos mais profunda e mais largamente do que todas as coisas.

Essa posse é um desfrute simples e sem medida de todos os bens e da vida eterna e nela somos engolidos acima e fora da razão, na profunda tranquilidade da divindade que nada jamais abala.

Que isto é assim, somente sabe aqueles que experimentaram. Mas, como isto é assim, quem o experimenta, onde o experimenta e o que é isto, não há razão e nem exercício qualquer que possa penetrar. Assim, todo exercício subsequente deve permanecer fora de modo ou de maneira.

Isto é um bem insondável que se desfruta e que se possui sem poder apreender, nem compreender e ao qual nenhum esforço pessoal pode fazer alcançar e assim, pobres em nós mesmos, somos ricos em Deus. Sentindo em nós fome e sede, Deus nos é embriaguez e saciedade. Ativos, enfim, em nós mesmos, estamos em Deus totalmente em repouso. Isto é por toda a eternidade, pois, sem a prá-

tica do amor não há jamais a posse de Deus. Quem pensa ou acredita diferentemente está no erro.

Assim, vivamos totalmente em Deus, onde possuímos nossa beatitude e tudo em nós mesmos. Onde nos exercitamos no amor para com Deus.

Mas, mesmo vivendo totalmente em Deus e totalmente em nós mesmos, possuímos, no entanto, uma só vida. Nisto se sente, é verdade, contradição e dualidade, pois pobreza e riqueza, fome e saciedade, atividade e ociosidade estão em oposição mútua. Porém, é aqui que atingimos a mais alta nobreza, para agora e para a eternidade.

Não podemos, evidentemente, nos tornarmos Deus e perdermos nossa condição de criaturas, o que é impossível. Por outro lado, se permanecêssemos tão em nós mesmos que nos separássemos de Deus, só haveria para nós miséria e infortúnio.

É por isto que devemos nos sentir totalmente em Deus e totalmente em nós mesmos e, como intermediários entre estas duas sensações, não encontramos nada mais do que a graça de Deus e a prática do nosso amor, pois, no ápice mesmo da nossa mais alta percepção brilha em nós a claridade divina que nos ensina toda a verdade e

nos move para toda virtude, em um perpétuo amor a Deus.

Essa claridade, nós a seguimos incessantemente até o abismo de onde ela vem e lá não sentimos outra coisa que não seja o desfalecimento do nosso espírito e a imersão sem retorno no amor simples e imenso. Se aí permanecêssemos para sempre, com nossa visão simples, sempre também o sentiríamos, pois nossa imersão no Deus que nos transforma permanece eternamente e sem cessar jamais, desde que saiamos de nós mesmos e que possuamos Deus na absorção do amor.

Essa posse de Deus na imersão amorosa, ou seja, na perda de nós mesmos, faz com que Deus seja propriamente nosso e que sejamos dele e, sempre sem retorno, nós mergulhamos em Deus como em nosso próprio domínio.

A imersão está na essência, com um amor habitual. Assim, ela permanece sem cessar, no sono ou na vigília, tenhamos consciência ou não. A este respeito, ela não acrescenta nenhum grau de mérito novo, mas ela nos mantém na posse de Deus e de todos os bens que aí recebemos e ela se parece com os rios que, sem parar e sem retorno, se jogam no mar, como em seu lugar próprio.

Da mesma forma como, se possuímos realmente Deus somente, a imersão essencial de nós mesmos, através do amor habitual, nos precipita continuamente e sem retorno em um sentimento do abismo que possuímos e que é sempre nosso bem próprio, se permanecêssemos sempre simples, com a mesma intensidade de olhar, esta sensação persistiria incessantemente.

A imersão de que falamos, ultrapassa, aliás, todas as virtudes e toda prática do amor, pois ela não é outra coisa além de uma perpétua saída de nós mesmos com uma clara previsão, para entrarmos em outro, para o qual tendemos, totalmente fora de nós, como para a beatitude.

Nós nos sentimos, de fato, continuamente arrastados para alguma coisa além de nós mesmos e isto é a distinção mais íntima e a mais escondida que podemos sentir entre Deus e nós, pois, além disto, não se percebe mais distinção.

Nossa razão, no entanto, mantém sempre os olhos abertos na treva, nesse não saber que é um abismo e, nessa treva, a claridade imensa nos permanece sempre velada e oculta, pois, assim que sua imensidão nos inunda, nossa razão fica totalmente cega nela.

Mas ela nos envolve na simplicidade e nos transforma por ela mesma e assim somos, por Deus, arrebatados de nós mesmos e transportados para ele até a imersão amorosa onde possuímos a beatitude e somos um com Deus.

Assim, unidos a ele, guardamos em nós um conhecimento vivo e um amor ativo, pois, sem o nosso conhecimento não podemos possuir Deus e, sem a prática do amor, é impossível nos unirmos a ele e nem conservarmos essa união.

Se pudéssemos, de fato, sermos bem-aventurados sem o conhecimento da nossa parte, uma pedra, que não tem nenhum, também poderia ser bem-aventurada.

Se eu fosse o senhor do mundo inteiro, o que me importaria se eu não soubesse nada sobre ele?

Assim, teremos eternamente conhecimento e consciência de desfrutar e de possuir e Cristo nos ensina isto, quando, ao falar de nós ao seu Pai, ele diz: *A vida eterna consiste em que conheçam a ti, um só Deus verdadeiro e a Jesus Cristo que enviaste*[19].

[19] João 17: 3.

Vocês podem entender, com isto, que nossa vida eterna comporta um conhecimento distinto.

CAPÍTULO 10

Como, mesmo sendo um com Deus, devemos, porém, manter eternamente nossa identidade.

Mesmo que eu tenha dito há pouco que somos um com Deus, segundo o que a Santa Escritura nos ensina, é preciso acrescentar agora que, eternamente, devemos manter nossa identidade e isto também é a Santa Escritura que nos diz.

Para estarmos na retidão, precisamos ter a compreensão e a consciência de ambas as coisas. Eu digo então que, da face de Deus ou do ápice da nossa percepção mais elevada, brilha sobre nossa face interior uma claridade que nos ensina a verdade do amor e de todas as virtudes e é especialmente nessa claridade que aprendemos a tomar consciência de Deus e de nós mesmos e isto, de quatro maneiras.

Primeiramente, sentimos Deus presente em nós através de sua graça e quando o observamos, não podemos

permanecer ociosos, pois, assim como o sol, através de sua claridade e do seu calor, ilumina, alegra e torna fecundo o mundo inteiro, da mesma forma, Deus, através de sua graça, ilumina, alegra e faz frutificar todos aqueles que querem obedecê-lo.

Se então queremos tomar consciência de Deus em nós mesmos e vermos o fogo do seu amor arder em nós eternamente, devemos, por livre vontade, ajudá-lo a atiçar esse fogo.

Isto é o que faremos ao permanecermos, em nós mesmos, intimamente unidos ao fogo que nos devora; ao sairmos de nós mesmos, para irmos para todos com fidelidade e amor fraterno, aos descermos abaixo de nós mesmos, através da penitência e todas as boas obras e também pela repressão de todo apetite descontrolado; ao subirmos, enfim, acima de nós mesmos, nas chamas do fogo divino, através da devoção, da ação de graças, do louvor, da prece íntima e da adesão contínua a Deus, com intenção correta e o amor no coração.

Desta maneira, Deus permanece em nós através de sua graça, pois, nas práticas que eu acabo de indicar, está resumido tudo o que podemos praticar, com a ajuda da

razão e segundo diversos modos e, sem isto, ninguém pode agradar a Deus.

Quem nisto chegar mais perto da perfeição estará também mais perto de Deus. Necessárias a todos, estas práticas só podem ser ultrapassadas pelos contemplativos.

Desta forma então, primeiramente sentimos todos que Deus está em nós através da sua graça se, todavia, queremos ser dele. Em segundo lugar, se possuímos uma vida contemplativa, sentimos que vivemos em Deus e, desta vida, que nos dá consciência de estarmos em Deus, brilha sobre nossa face interior uma claridade que ilumina nossa razão e que é um intermediário entre nós e Deus.

Quando, desfrutando dessa claridade e com nossa razão esclarecida permanecemos em nós mesmos, percebemos que nossa vida criada se imerge sempre, essencialmente, em sua vida eterna. Mas quando seguimos a claridade, acima da razão, com uma visão simples e uma livre inclinação de nós mesmos, até nossa vida superior, lá recebemos a informação superior de Deus na totalidade de nós mesmos e assim nos sentimos plenamente abraçados em Deus.

Em seguida vem a terceira maneira de tomar consciência, que consiste em sentir que somos um com Deus, pois, por causa da informação superior de Deus, temos consciência de sermos engolidos no abismo sem fundo da nossa beatitude eterna, onde não podemos mais encontrar distinção entre nós e Deus.

Este é o ápice da nossa percepção, que só podemos conhecer na imersão do amor. Assim, quando somos elevados e arrastados até nossa percepção mais elevada, todas as nossas forças permanecem inativas em um prazer essencial, mas elas não são reduzidas ao nada, pois perderíamos então nosso estado de criatura e assim, pelo tempo que permanecemos ociosos, o espírito inclinado e os olhos abertos sem consideração, podemos contemplar e desfrutar[20].

Mas, a partir do momento em que queremos analisar e considerar o que sentimos, recaímos no racionalismo e então percebemos entre nós e Deus uma distinção e uma diferença. Deus só aparece então fora de nós, em toda sua incompreensibilidade e esta é a quarta maneira segundo a qual tomamos consciência de Deus e de nós.

---

[20] João Cassiano diz o mesmo: *Não é uma oração perfeita a que um monge entende a si mesmo e o que ele ora*. *Conferência* 09, cap. 31.

Nós nos encontramos aqui diante de Deus e a luz que vem do seu rosto nos revela a verdade que ele quer ser todo nosso e que nós sejamos todo dele. Ora, no instante mesmo em que compreendemos que Deus quer ser todo nosso, surge em nós um desejo ávido e veemente, que é tão faminto, tão profundo e tão insaciável que todo dom de Deus fora dele mesmo não poderia nos satisfazer, pois sentimos que ele se deu e se entregou à liberdade de nossos desejos, para que possamos desfrutá-lo segundo toda a extensão do nosso querer.

Por outro lado, a luz da verdade que brilha em sua face nos ensina que tudo o que podemos desfrutar, em comparação com o que nos falta, não passa de uma gota de água para o mar inteiro e isto levanta em nosso espírito uma verdadeira tempestade de ardor e de impaciência de amor.

Quanto mais o prazer se intensifica, mas o desejo e a fome crescem, pois eles se inflamam mutuamente e é isto o que nos faz nos voltarmos para o que sempre nos escapa, pois nos fartamos na imensidão divina, não podemos absorvê-la e tendemos para esse infinito sem poder alcançá-lo. Assim, não podemos chegar até Deus e nem ver

Deus vir até nós, porque, na impaciência do amor, não podemos renunciar a nós mesmos.

É por isto que o ardor é tão fora de medida que a prática do amor entre Deus e nós vai e vem como relâmpago no céu, sem poder, no entanto, nos consumir.

Ora, nessa tempestade de amor, nossas ações estão acima da razão e são sem modo, pois o amor deseja o impossível e a razão atesta que ele está à sua direita, mas ela não pode, no entanto, aqui, aconselhá-lo e nem retê-lo.

Enquanto percebemos, de fato, com íntima devoção, que Deus quer ser nosso, sua bondade toca a avidez do nosso desejo e daí nasce a impaciência do amor, pois o toque que flui de Deus estimula a impaciência e reclama nossa ação, ou seja, que amemos o eterno amor, ao mesmo tempo em que o toque, que arrasta para fora, nos arranca de nós mesmos e quer que nos mergulhemos e nos aniquilemos na unidade[21].

Assim, nesse toque que arrasta para dentro, sentimos que Deus nos quer dele, pois lá devemos renunciar a nós mesmos e deixá-lo operar nossa beatitude. Mas lá, onde ele nos toca, na efusão para fora, ele nos deixa a nós

[21] A análise que é feita aqui do toque divino diferencia dois efeitos produzidos por ele. O primeiro é caracterizado por uma efusão para fora, que causa um amor ativo, ou seja, a impaciência do amor. O segundo atrai para dentro e nos leva ao repouso na unidade.

mesmos, ele nos torna livres, ele nos coloca em sua presença e nos ensina a rezar em espírito e a pedir livremente.

Ao mesmo tempo, ele nos mostra sua incompreensível riqueza, sob tantos aspectos diversos que somos capazes de imaginar, pois tudo o que podemos pensar, em termos de consolação e de alegria, encontramos nele sem medida.

Assim, quando sentimos essa vontade de Deus de ser nosso com toda essa riqueza e de permanecer sempre conosco, todas as forças da nossa alma, diante disso, se abrem enormemente e, particularmente, nosso desejo ávido, pois todos os fluxos da graça divina fluem em correntes e quanto mais nós as desfrutamos, mais se inflama o desejo de desfrutá-las ainda e, enquanto cresce esse desejo, tendemos mais profundamente para o toque divino.

Então, em proporção mesma com essa íntima tendência, a inundação de sua doçura nos invade e nos engole e, na medida em que crescem essa invasão e esse transbordamento, sentimos mais e reconhecemos que a suavidade divina é incompreensível e sem fundo. Foi por

isto que o Profeta disse: *Provai e vede como o Senhor é doce*[22].

Ele não diz o quanto ele é doce, porque essa doçura é sem medida e não podemos compreendê-la e nem esgotá-la e a Noiva de Deus, no Cântico, testemunha a mesma verdade, ao dizer: *Gosto de sentar-me à sua sombra e seu fruto é doce à minha boca*[23].

CAPÍTULO 11

A grande diferença que existe entre a iluminação dos santos e a mais elevada obtida nesta vida.

Existe uma grande diferença entre a iluminação dos santos e a mais elevada que podemos atingir nesta vida, pois, se a sombra de Deus ilumina nosso deserto interior, nas altas montanhas da terra prometida não há sombras.

É verdade que é o mesmo sol e a mesma iluminação que brilham sobre nosso deserto e sobre as montanhas elevadas, mas os santos estão em um estado de translucidez e de glória que lhes permite receber a claridade sem

[22] Salmo 33: 9.
[23] Cântico 2: 3.

intermediário, enquanto que estamos ainda na condição de gente mortal e espessa e isto é um intermediário que forma uma sombra capaz de velar tanto nossa compreensão que nos é impossível conhecer Deus e as coisas celestes com a mesma claridade que os santos.

Enquanto caminhamos, de fato, nessa sombra, não podemos ver o sol propriamente, mas, como diz São Paulo[24], nosso conhecimento é em símbolos e em enigmas. No entanto, essa sombra é suficientemente iluminada por raios de sol para que possamos perceber a distinção entre todas as virtudes e toda a verdade útil à nossa condição mortal.

Mas, para nos tornarmos um com a claridade do sol, precisamos seguir o amor e sair de nós mesmos, abandonando todo modo e sendo nossos olhos cegos, o sol nos arrastará em sua própria claridade, onde possuiremos a unidade com Deus. Se temos o sentimento e a consciência de sermos assim, estamos na vida contemplativa que convém ao nosso estado presente.

A condição dos judeus no Antigo Testamento era caracterizada pelo frio e a noite e a caminhada deles era feita nas trevas. *Aqueles que habitavam a região da som-*

[24] Cf. 1 Coríntios 13: 12. *Hoje vemos como por um espelho, em enigma.*

bra da morte[25], diz o profeta Isaías. Essa sombra da morte vinha do pecado original que os condenou todos a serem privados de Deus.

Nossa condição, na fé cristã, é também como o frescor da aurora, pois, para nós, o Dia se levantou. Assim, devemos caminhar na luz e nos sentarmos à sombra de Deus. Sua graça será o intermediário entre nós e ele, mediante a qual, poderemos triunfar de tudo, morrer para todas as coisas e morrer sem obstáculo, na unidade com Deus.

Mas, a condição dos santos é toda de calor e de claridade, pois eles vivem e caminham em pleno meio-dia, contemplando com olhos bem abertos e totalmente iluminados pelo sol em seu esplendor, totalmente penetrados e inundados que estão pela glória divina. Na medida em que cada um é iluminado, ele desfruta e conhece o fruto de todas as virtudes, que todos os espíritos acumularam.

Mas o fato de que os santos desfrutam e conhecem a Trindade na Unidade e a Unidade na Trindade e que eles se veem unidos constitui para eles o prato mais excelente

[25] Isaías 9: 1.

que prevalece sobre tudo e lhes dá, propriamente, inebriamento e repouso.

A Noiva do Cântico expressou este desejo, quando pediu a Cristo: *Dize-me, ó tu, que minh'alma ama, onde apascentas o teu rebanho. Onde o levas a repousar ao meio-dia*[26].

Segundo São Bernardo, isto diz respeito à luz da glória, pois todo alimento que nos é dado neste mundo, onde ainda estamos na aurora e na sombra, não passa de um antegosto dos pratos deliciosos que nos esperam no pleno meio-dia da glória divina.

No entanto, a Noiva se felicita por ter podido se sentar à sombra de Deus e de que seu fruto é doce em sua boca. Sentir que Deus nos toca interiormente é para nós desfrutar de seu fruto e de seu alimento, pois seu toque é o alimento que ele nos dá. Ora, esse toque arrasta para o interior ou então ele flui para fora, como eu disse acima[27].

---

[26] Cântico 1:6.

[27] Cf. acima o cap. 10. Ruysbroeck retorna aqui à descrição do toque divino em seus dois momentos, se podemos falar assim. Quando esse toque flui de Deus, então ele se apresenta a nós e nos mostra que ele quer ser todo nosso, reclamando o retorno do amor. Mas, quando o toque nos arrasta para o interior, devemos nos tornar todo de Deus e nos deixar tomar por ele. Podemos comparar este duplo efeito do toque divino com o que Ruysbroeck descreve no cap. 14 dos *Os sete degraus da escada do amor espiritual*, quando ele mostra o Pai dizendo a cada espírito, em complacência eterna: "Eu sou para você e você é para mim. Eu sou teu e você é meu".

Quando Deus nos arrasta para o interior, devemos ser totalmente dele e lá aprendemos a morrer e a contemplar. Mas, quando ele flui para fora, Deus quer ser todo nosso e assim, ele nos ensina a levarmos uma vida rica em virtudes.

Sob o toque pelo qual ele nos arrasta para o interior, todas as nossas forças devem desfalecer e então somos sentados à sua sombra e seu fruto é doce em nossa boca, pois o fruto de Deus é o Filho de Deus, que o Pai gera em nosso espírito.

Esse fruto é tão infinitamente doce em nossa boca que somos incapazes de absorvê-lo e de transformá-lo em nós mesmos, mas é ele que nos absorve e nos transforma nele e sempre quando esse fruto nos toca, nos atraindo para o interior, nós dominamos e deixamos lá todas as coisas.

Vitoriosos assim sobre tudo, desfrutamos do *maná* escondido que nos dá vida eterna e recebemos a *pedra brilhante*, que já foi mencionada, que traz nosso nome novo inscrito nela desde antes do começo do mundo.

Este é o nome novo que ninguém conhece, a não ser quem o recebe. Todo aquele que se sente unido a Deus desfruta do sabor do seu próprio nome, segundo a medi-

da de suas virtudes, do seu acesso a Deus e de sua união com ele.

Foi para que cada um possa receber seu nome e possuí-lo eternamente que o Cordeiro de Deus, o Senhor feito humano, se entregou à morte. Desta maneira, ele nos abriu o Livro da Vida, onde estão inscritos todos os nomes dos eleitos.

Ninguém pode ser apagado dele, pois eles formam um só com o Livro Vivo, que é o Filho de Deus. Sua morte quebrou seus selos, para que todas as virtudes fossem levadas à perfeição, segundo o que Deus eternamente previu.

Desta forma então, segundo a medida em que cada um pode se superar e morrer para todas as coisas, ele sente o toque do Pai que o atrai interiormente e, nessa mesma medida, ele desfruta da doçura do fruto que é o Filho nascido nele e, por este mesmo gosto, o Espírito Santo lhe dá o testemunho de que ele é filho e herdeiro de Deus.

Ora, de acordo com estes três pontos, ninguém se parece jamais completamente a outro. Assim, cada um recebe seu nome particular, que é sempre novo, por causa de novas graças e novas ações virtuosas e é por isto que

todo joelho se dobra ao nome de Jesus[28], que por nós combateu e conquistou a vitória.

Por ele, nossas trevas foram dissipadas e todas as virtudes realizadas no grau mais eminente. Assim, seu nome foi elevado acima de qualquer nome, porque ele é a Cabeça e o Príncipe de todos os eleitos e é em seu nome que somos chamados, eleitos, ornamentados com graças e todas as virtudes e esperamos a glória de Deus.

CAPÍTULO 12

A transfiguração de Cristo no Monte Tabor.

Se queremos que o nome de Cristo seja em nós exaltado e glorificado, precisamos seguir o próprio Cristo ao monte do nosso espírito inteiramente despojado, como Pedro, Tiago e João o seguiram no Monte Tabor.

O sentido da palavra Tabor em nossa língua é "luz crescente e sempre nova". Ora, se somos realmente Pedro, pelo conhecimento da verdade; Tiago, pela vitória sobre o mundo e João, cheio de graça e de posse das virtudes segundo toda a justiça, Jesus nos leva ao cimo do

[28] Cf. Isaías 45: 23 e Romanos 14: 11. *Por minha vida, diz o Senhor, diante de mim se dobrará todo joelho e toda língua dará glória a Deus.*

nosso espírito despojado, em um vasto deserto, onde ele se mostra a nós com a glória de sua luz divina.

Ao seu nome, o Pai celeste nos abre o Livro Vivo de sua Sabedoria Eterna e essa sabedoria divina inunda a pureza do nosso olhar e a simplicidade do nosso espírito com um prazer simples e sem modo de todos os bens indistintamente, pois, quando Deus nos eleva até ele, contemplar e saber, degustar e sentir, existir e viver, ter e ser, é tudo uma coisa só e, diante dessa elevação, nos mantemos todos e cada um em particular segundo modos diversos.

Nosso Pai celeste, de fato, em sua sabedoria e em sua bondade, gratifica cada um segundo a dignidade de sua vida e de suas práticas. É por isto que, se permanecêssemos sempre com Jesus no Tabor, ou seja, no cume do nosso espírito totalmente despojado, sentiríamos incessantemente um novo crescimento de luz e de verdade, sempre a voz do Pai se faria ouvir e nos faria sentir o toque que flui para fora através da graça ou que atrai para dentro, para a unidade.

Ora, essa voz do pai é ouvida por todos aqueles que imitam Nosso Senhor Jesus Cristo e ela diz sobre eles

todos: "*São meus filhos muito amados em quem ponho minha afeição*"[29].

E é em razão dessas complacências que cada um recebe a graça, segundo a medida e o modo com que ele mesmo se compraz em Deus.

Nessa mútua complacência de Deus em nós e nós em Deus se pratica o verdadeiro amor e assim, cada um desfruta do sabor do seu próprio nome, do seu ofício e do fruto dos seus exercícios.

As pessoas que levam a vida do mundo não veem nada do que veem os bons, pois eles estão mortos perante Deus e para ele e, como também não possuem nome, não podem sentir e nem desfrutar do que pertence aos vivos.

O toque divino que flui para fora nos torna vivos no espírito, nos enche de graça, ilumina nossa razão e nos ensina a conhecer a verdade e a distinção das virtudes. Ele nos mantém na presença de Deus com uma força tal que somos capazes de carregar, sem sofrer nenhuma falência do espírito, todos os gostos, sentimentos e dons que Deus faz fluir em nós.

Mas o toque divino que atrai para o interior exige que sejamos um com Deus e que expiremos e morramos

[29] Mateus 3: 17.

em beatitude, ou seja, no amor eterno que envolve o Pai e o Filho em um mesmo prazer.

É por isto que, quando subimos com Jesus a montanha do nosso espírito desprovido de imagens, se o seguimos também com um olhar simples, uma íntima complacência e uma tendência fruitiva, sentimos então o poderosos ardor do Espírito Santo, que nos consome e nos liquefaz na unidade divina, pois lá, onde, unidos ao Filho de Deus, temos a tendência amorosa de retornar para nosso princípio, lá também ouvimos a voz do Pai, cujo toque nos atrai interiormente e essa voz diz a todos aqueles que foram eleitos por seu Verbo Eterno: *Eis meu Filho muito amado em quem me comprazo*[30].

Eternamente, de fato, o Pai se compraz com o Filho e o Filho com o Pai, porque o Filho teve que assumir nossa humanidade, morrer e reconduzir todos os eleitos ao seu princípio.

Se então, por intermédio do Filho, somos elevados até à fonte de onde saímos, nos é dado ouvir a voz do Pai que nos chama interiormente e que nos ilumina com a Verdade Eterna e essa verdade nos mostra a complacên-

[30] Mateus 3: 17.

cia de Deus amplamente aberta, princípio e fim de toda complacência.

Lá, todas as nossas forças desfalecem e, caindo arrebatados com o rosto contra o chão, nos tornamos todos um e um só todo no abraço amoroso da unidade trina.

Quando temos a percepção dessa unidade, só há Deus para nós, vivemos de sua vida e desfrutamos de sua beatitude. Lá, todas as coisas são consumadas, todas as coisas são renovadas, pois lá somos mergulhados no imenso abraço do amor de Deus, onde há, para cada um, uma alegria tão grande e tão particular que se é incapaz de pensar ou de prestar atenção na alegria do outro. É-se transformado no amor de fruição que, ele mesmo é tudo e não se precisa e nem mesmo há a possibilidade de buscar nada fora dele.

CAPÍTULO 13

Como podemos desfrutar de Deus.

Para que a pessoa possa desfrutar de Deus, três coisas são necessárias: uma paz verdadeira, um silêncio interior e uma adesão amorosa.

Quem quer encontrar entre si e Deus uma paz verdadeira deve amar Deus de uma maneira tal que esteja pronto a renunciar, para sua honra, a todo apego ou afeição descontrolada, bem como a toda posse que fosse contra essa honra divina. Esta primeira condição é necessária a todos.

A segunda é o silêncio interior que consiste em se libertar das imagens de todas as coisas vistas ou ouvidas.

A terceira é uma adesão amorosa a Deus, adesão que consiste, ela mesma, no ato de desfrutar, pois todo aquele que adere a Deus com um amor puro e não para sua própria vantagem, desfruta de Deus com toda verdade e sente que ama Deus e é amado por ele.

Mas há três graus mais elevados que fixam a pessoa e a tornam apta a desfrutar incessantemente de Deus e a tomar consciência dele a cada vez que ela quer se dedicar a isto.

O primeiro é o repouso tomado naquele de que se desfruta e isto acontece quando o bem-amado é vencido pelo seu bem-amado, quando ele é possuído por ele com um amor puro e essencial, quando, enfim, ele cai amorosamente sobre o objeto do seu amor, de sorte que cada um desfruta em repouso da plena posse do outro.

O segundo grau se chama sono em Deus, que acontece quando o espírito se perde, sem saber o que ele se torna, aonde vai e como isto acontece.

O último grau que se pode mencionar é aquele em que o espírito contempla uma treva aonde ele não pode penetrar através da razão. Lá, ele se sente morto e perdido e um com Deus, sem diferença nem distinção e, nessa unidade, é Deus mesmo que se torna sua paz, seu prazer e seu repouso. Além disto, trata-se de uma profundeza abismal, onde o espírito deve morrer em beatitude e reviver novamente em virtudes, assim como o amor e seu toque ordenam.

Vejam que se vocês passarem em vocês por estas diversas experiências, vocês terão o conhecimento de tudo o que eu disse ou que eu poderia dizer ainda e quando vocês entram em vocês mesmos, lhes é tão fácil e prático contemplar e desfrutar quanto lhes é viver sob o ponto de vista natural.

CAPÍTULO 14

Uma vida comum que nasce da contemplação e do desfrute de Deus.

A pessoa que, deste cume, é reconduzida por Deus para o mundo carrega com ela toda a verdade e toda a riqueza das virtudes. Ela não busca seu próprio bem, mas a honra Daquele que a envia.

Assim, ela é correta e verdadeira em todas as coisas. Ela está de posse de um fundo rico e liberal que, baseado sobre a própria riqueza de Deus, deve sempre se dividir por aqueles todos que precisam, pois sua abundância flui da fonte viva do Espírito Santo, que ninguém pode esgotar.

Essa pessoa é um instrumento vivo e espontâneo que Deus utiliza para realizar o que ele quer e como ele quer e ela não se atribui nada a ela mesma, mas reporta toda glória a Deus, permanecendo assim sempre pronta e disposta a fazer o que Deus quer, valente e forte em todo sofrimento e em toda obra que lhe é imposta.

Esta é uma vida comum, em que se está igualmente pronto para contemplar e agir, colocando em ambos a mesma perfeição.

Ninguém, de fato, pode possuir essa vida se não for contemplativo e ninguém pode contemplar e nem usufruir de Deus se não reunir as seis condições que eu enumerei acima.

É, por consequência, um erro, querer contemplar, mas guardar, por alguma criatura que seja, um amor, um prazer, um espírito de posse descontrolados.

Acredita-se assim poder usufruir antes de ser plenamente despojado ou tomar seu repouso antes de ter conhecido o prazer. Mas, se engana, pois, para alcançar Deus, precisamos de um coração livre, uma consciência em repouso, um rosto sem véus, livre de artifícios, que irradia franqueza.

Então, poderemos subir de virtude em virtude, contemplar Deus e desfrutar dele e, como eu disse acima, nos tornarmos um com ele.

Índice

A PEDRA BRILHANTE **3**

Prólogo *3*

Capítulo 01 ..... *3*

Três qualidades que tornam uma pessoa justa. 3

Capítulo 02 ..... *5*

Três qualidades que fazem uma pessoa interior. 5

Capítulo 03 ..... *8*

Três qualidades que fazem um contemplativo. 8

Capítulo 04 ..... *12*

A pequena pedra brilhante e o nome novo mencionado no livro dos mistérios de Deus 12

Capítulo 05 ..... *16*

As obras que Deus realiza comumente em todos os justos e as cinco categorias de pecadores. 16

Capítulo 06 ..... *20*

A distinção entre os mercenários e os servidores fiéis de Deus. 20

Capítulo 07 ..... *23*

A distinção entre os fiéis servidores de Deus e seus amigos secretos. 23

Capítulo 08 ..... *27*

A distinção entre os amigos secretos e os filhos ocultos de Deus 27

Capítulo 09 ..... *33*

Como podemos nos tornar filhos de Deus e possuir uma vida contemplativa 33

Capítulo 10 ..... *44*

Como, mesmo sendo um com Deus, devemos, porém, manter eternamente nossa identidade 44

Capítulo 11 ..... *51*

A grande diferença que existe entre a iluminação dos santos e a mais elevada obtida nesta vida. 51

Capítulo 12 ..... *57*

A transfiguração de Cristo no Monte Tabor 57

Capítulo 13 ..... *61*

Como podemos desfrutar de Deus. 61

Capítulo 14 ..... *63*

Uma vida comum que nasce da contemplação e do desfrute de Deus. 63

ÍNDICE 66